

Grammatica philosophica: a um passo da forma

Grammatica philosophica: on the verge of form

Clóvis Luiz Alonso Júnior*
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo: Longe de apresentar a validade do pensamento filosófico aplicado ao desenvolvimento do pensamento gramatical, pretendo aqui esboçar a apresentação de teoria que venho esforçando-me para construir e que se pauta por modo inescapavelmente filosófico de olhar para o objeto Língua. Proponho que esse objeto seja constituído, no conjunto de seu tecido lexical e morfossintático, por metáforas de cunho físico-espacial, por sua vez resultantes de procedimento mimético que a Língua, (sempre) em formação, tenha realizado e venha realizando sobre o espaço físico, desdobrando-se as metáforas — como lhes é próprio — em cadeias abstrativas. Postulo que a tradição filosófico-gramatical se tenha aproximado — e apenas aproximado — da possível verdade que aí venho pretendendo formular: essa tradição teria estado a um passo do que denomino semântica da estrutura, a um passo da forma.

Palavras-chave: Gramática filosófica. Morfossintaxe. Metáfora.

Abstract: Far from introducing the validity of the philosophical thought applied to the development of the grammatical thinking, I intend to sketch an introduction to a theory that I have been developing, one that looks at Language as an object with an inescapably philosophical approach. My understanding is that this object is built, in its set of lexical and morphosyntactic formation, by physical-spatial metaphors. These are the outcome of mimetic procedures that Language, (always) in formation, has done and has been doing on the physical space, where metaphors unfold — as it is inherent to them — into abstractive chains. I state that the philosophical-grammatical tradition has come close — and only this — to the possible truth that I have been trying to assert: this tradition would have been on the verge of what I call semantics of structure, on the verge of form.

Keywords: Philosophical Grammar. Morphosyntax. Metaphor.

FLP20(2)

1 ESTRUTURA: DA MATÉRIA À FORMA

A historiografia linguística reconhece a existência daquilo que denomina programas de investigação (Swiggers, 2004), sistemas conceituais norteados pelos parâmetros “visão”, “incidência” e “técnica” relativamente à abordagem do objeto, que é a linguagem. Ao pé do Programa Sociocultural — caracterizador da Sociolinguística —, do Programa Descritivista — de que é exemplo o Estruturalismo —, do Programa de Projeção — exemplificado pela Semântica Formal e pela Linguística Computacional —, interessa-me, não apenas aqui, o Programa de Correspondência, assim chamado porque pressupõe, segundo o parâmetro “visão”, *correspondência* entre os elementos do tripé “língua, pensamento, realidade”, incidindo no que ali são

* Doutorando do Programa de Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil; alonso.junior@usp.br

relações entre estruturas morfossintáticas e conteúdos ou processos mentais, em atendimento ao parâmetro “incidência”, e acionando como “técnica” o estabelecimento de classes lógico-semânticas e de correlações entre processos mentais e regras gramaticais, de que proponho que advenha certa semantização das construções.

A abordagens linguísticas características do Programa de Correspondência já se impingiu frequentemente a objeção de que imiscuir critérios semântico-cognitivos em análise formal faz pagar o preço da inconveniência teórico-metodológica representada, em tese, pelo pressuposto da incompatibilidade entre critérios semânticos e critérios formais, que, por natureza, não se recobririam mutuamente, de que se segue que análises que privilegiem uns sejam inconsistentes quanto aos outros. Aqui se replica, na defesa daquelas abordagens, que o problema está não na mistura de critérios — afinal, Língua é “forma e conteúdo” —, mas na esquizofrenia que se vê entre eles, efeito colateral de um problema bem maior: a limitação que a tradição linguístico-filológica fez constituir na leitura do que seja “sentido” e na leitura do que seja “forma”. O que afirmo aqui, quanto à leitura da forma, é que seja tradicionalmente empreendida ou em defesa do primado teórico da função, categoria inescapavelmente semantizada — consideradas as abordagens em que a parêntese “forma e função” se poderia apresentar como “função e forma”, entretanto não “semântica *da forma*”, como pretendo —, ou com base no pressuposto do insulamento analítico da forma e das construções relativamente ao conteúdo, que equivale ao sentido, um sentido *aplicado* à forma e às construções, de fora para dentro do ambiente propriamente linguístico: *um sentido*, entre outros possíveis, construído pelo discurso. É precisamente quanto ao discurso que essa leitura é isenta de equívoco, mas, para *aquém* da camada discursiva, é, segundo o que proponho aqui, carente de validade ontológica, fenômeno para o qual sugiro emprestar o epíteto epistemológico de “desleitura da forma”.

FLP20(2)

As atribuições de sentido, ad hoc empreendidas pelos atores do discurso, em função das necessidades e dos interesses do contexto discursivo, são acolhidas pela forma e pelas construções, não por obra de arbitrário acaso, mas exatamente porque há nestas algo com que semanticamente se coadunam aquelas, segundo a proposta que me tenho empenhado para formular: certa observação arqueologicamente especulativa da forma e das construções permite que se lhes proponha determinada *ontogênese metaforicamente inspirada* pela percepção do espaço físico e do movimento aí realizado, então mimetizado na confecção da Língua, depois encetando-se desdobramento metafórico rumo à abstratização, na esteira das injunções discursivas, que se historicizam.

É bem longínquo, na tradição, o reconhecimento da mimese que, no ato da formulação da Língua, se realiza sobre o movimento espacial, de que advém parte da própria metalinguagem gramatical, que abriga expressões como ‘adjunto’ ou ‘complemento’ ‘adverbial de lugar de onde’ ou ‘para onde’, o que há de ter sido sugerido já pela semântica imediata de certos contextos frasais como ‘*venho de Paris*’ ou ‘*vou a Roma*’, em que a presença de verbos de movimento e de topônimos patenteia que se trata de vir de um lugar ou de ir a um lugar explicitamente nomeado, não cabendo dúvida quanto a tratar-se de movimento. A percepção não obteve, porém, a mesma sorte em construções como ‘*o pobre morreu de fome*’, em que ***a fome é o lugar de onde*** procedeu a morte, não menos do que Paris é o lugar de onde procede a vinda, haja

vista a utilização da mesma, assim mal chamada, “preposição”¹, ‘de’, que opera o movimento de *lugar de onde*, como mimese do movimento físico-espacial, na *confeção sintático-metáforica da Língua*, o mesmo se tendo dado na construção de formas como ‘proceder’ e ‘advir’ — presentes poucas linhas acima neste texto —, em que os prefixos, preposições gramaticalizadas², ‘pro-’³ e ‘ad-’, operam, respectivamente, o mesmo movimento de *lugar de onde* realizado em ‘*venho de Paris*’ e em ‘*o pobre morreu de fome*’ e o mesmo movimento de *lugar para onde* realizado em ‘*vou a Roma*’, o que faz dizer que a “preposição” ‘a’ (< *ad*), de ‘*vou a Roma*’, é rigorosamente a mesma entidade ontogênica que é o “prefixo” ‘ad-’ (> ‘a’), de ‘advir’, razão de aqui se tratarem as formas também como construções, inspiradas, em primeira instância, pela metáfora do espaço. Ora, a mesma ideia de *a(d)*-proximação que está na construção ‘*vou a(d) Roma*’ está nas formas ‘advir’ [de variante herdada, ‘avir’, com especializações semânticas, mantenedoras, entretanto, da mesma ideia de *a(d)*-proximação⁴] e ‘aceder’ (< *accedere* < *adcedere*⁵ < *ad*

FLP20(2)

¹ A “preposição” — ou, menos mal chamada, *interposição*, ou, melhor, *elemento indicador do (tipo de) movimento* ou simplesmente *mimese do movimento*, gradação nomenclatória que aqui proponho — mimetiza as realizações de deslocamento e, então, as realizações dos quatro movimentos que balizam as relações do homem com o mundo: o movimento de *lugar de onde*, o movimento de *lugar para onde*, o movimento de *lugar por onde* e o movimento de *lugar onde* — não-movimento —. É marca da espacialidade — já que antigo advérbio —, portanto *entidade significativa*, não apenas elemento que se “prepõe” na formalização do sintagma.

² Nem por isso semanticamente esvaziadas.

³ Muito arqueologicamente, ‘prō’ veicula a ideia de passagem (vejam-se o étimo **per*, arcaico **peri*, e os desdobramentos ‘prō’, ‘prae’, ‘prīmus’, ‘prior’), incluídas as ideias de chegada, de adiantamento, de movimento *para*, mas a assim chamada “regência” com *ab*-lativo atesta a fixação da ideia de movimento *de*, **ponto de partida da passagem**: “[...] **prō**, [sic, em negrito a vírgula] *prep.* de *abl.*, *adv.* e *pref.* **1.** *Prep.*: [sic, em itálico os dois-pontos] *a*) diante de, defronte de, em presença de (*com a ideia acessória de alguma coisa que está da parte de trás* [grifos meus]); *b*) no alto de, sôbre, do alto de; *c*) por, a favor de (em opos. a *contra*) [sic, em itálico o parêntese], por amor de, no interesse de; *d*) por causa de (em vez de *ob*) [sic, em itálico o parêntese]; [sic, em itálico o ponto-e-vírgula] *e*) em vez de, em lugar de; *f*) por, como *habere pro certo* ‘ter como certo’ [sic, fechamento de parêntese não aberto]; *g*) à maneira de, a título de, à laia de; *h*) pelo preço de, por; *i*) segundo, conforme, em proporção com, proporcionalmente a, consoante, em virtude de, em atenção a; *j*) durante, em, por. **2.** *Adv.* *Só ocorre nas loc.*: [sic, em itálico os dois-pontos] *pro* *quam* ou *proquam*, *pro* *ut* ou *prout* e *proinde*. **3.** **prō-**, [sic, em negrito a vírgula] **prō-** ou **prōd-**, [sic, em negrito a vírgula] *pref.* Designa: *a*) posição fronteira, *movimento* [grifo meu] para diante; *b*) protecção, defesa; *c*) acção de tornar público, de dar publicidade; *d*) anterioridade; *e*) descendência; *f*) substituição. | | *pro castris*: [sic, em itálico os dois-pontos] defronte do acampamento [...] **Obs.:** [...] **o abl. regido por pro é um verdadeiro ablativo** [negrito meu] e não um locativo, pois *pro castris* significa ‘diante do acampamento, mas *para quem parte* do mesmo acampamento’ [grifo meu] [...]” (Torriinha, 1945).

⁴ Veja-se como de fato se trata de *especializações* semânticas, que mantêm, pois, segundo o que proponho, a ideia de *a(d)*-proximação, inscrita na “preposição” ‘a’ (< *ad*), que sintomaticamente comparece nas formas representativas dos “diversos sentidos” da variante (herdada) ‘avir’: ‘*a(d)*paziguar’ (< *ad pacificare*) [‘fazer *a(d)*proximar-se a paz, trazê-la’]; ‘*a(d)*justar-se’ [‘fazer *a(d)*proximar-se o ajuste, providenciá-lo’], ‘*a(d)*comodar-se’ [‘fazer *a(d)*proximar-se a acomodação, constituí-la’].

⁵ *adcedere* (latim arcaico-clássico) > *accedere* (latim clássico) [forma ainda proparoxítona] por completa assimilação consonantal regressiva > *accedere* (latim vulgar) [forma já paroxítona] por hiperbibasmo do tipo diastólico > *aceder* (português) por apócope e por simplificação da consoante geminada — geminação resultante da assimilação —, apenas graficamente mantida a geminação em textos antigos: notem-se os fenômenos não mais do que plásticos da mudança linguística, acompanhados por mudança semântica em especializações de sentido [‘*a(d)*nuir’, ‘*a(d)*quiescer’, ‘*a(d)*cresce(nta)r’], que (veja-se a nota logo anterior) mantêm a primeira metáfora da ideia de *a(d)*proximação, própria do movimento de *lugar para onde*, uma vez que, nas ideias de anuência/aquiescência e de acréscimo/acrescimento/acrescentamento, há atitude aproximativa, ora na chave discursiva da harmonização, capaz de aproximar opostos, ora na da soma, capaz de aproximar elementos isolados;

cedere), bem como a mesma ideia de *se*-paração, afastamento, origem que está nas construções ‘*venho de Paris*’ e ‘*o pobre morreu de fome*’ está na forma ‘proceder’ — também na forma ‘provir’ —; ademais, *a ideia primeva e concretiva* de lugar do qual procede um fenômeno como a vinda, ou como a morte, *discursivamente acolhe a ideia secundária e abstrativa* de causa: o lugar pode ser Paris não mais do que pode ser a fome, que, então, é causa, porque *a causa é o lugar de onde* procede a consequência, motivação da expressão do ‘adjunto adverbial de causa’ (outrora entendido, e denominado, como ‘complemento circunstancial’ de causa, dado que o advérbio é a expressão de toda e qualquer circunstância) em *ab*-lativo, caso da *ab*-lação, da *se*-paração, em Latim, e, em Grego, genitivo (inexistente ali o caso ablativo), caso da gênese, portanto igualmente da *se*-paração, do afastamento, da origem, do movimento de *lugar de onde*. Aqui se propugna, então, leitura segundo a qual a ontogênese metafórica das construções e da forma lhes confere uma semântica primeva acorde com a metáfora originária, que, de inicial inspiração físico-concreta, se desdobra em figuração abstrato-espiritual, acolhendo, assim, as especificações discursivas — advindas da mesma metáfora —, sem se desprover do traço denotativo inicial. Configura-se, pois, uma semântica *da forma*, uma *semântica da Sintaxe*.

FLP20(2)

[...] é na estrutura das “formas da intuição” que primeiramente se manifestam o tipo e a orientação da síntese espiritual que opera na linguagem, e é somente por intermédio destas [sic] formas, somente através [sic] da veiculação das intuições de *espaço*, tempo e número que a linguagem pode realizar a sua função essencialmente lógica: a de transformar impressões em representações.

Este [sic] *entrelaçamento da expressão sensível e [da expressão] espiritual na linguagem evidencia-se sobretudo na intuição do espaço*. O papel decisivo da intuição espacial ressalta com a máxima nitidez justamente nas expressões mais gerais que a linguagem cria para designar processos espirituais. Até mesmo nas línguas altamente desenvolvidas encontramos esta [sic] *reprodução “metafórica” de determinações espirituais através [sic] de representações espaciais*. [...] (Cassirer, 2001, p. 208.) (grifos meus).

O procedimento especulativo que está na raiz desta pretensão de leitura talvez encontrasse lugar, uma vez plenificado, no Programa de Correspondência, em que se enquadram as gramáticas filosóficas, cujo espírito, se não pressupõe efetivamente para mim a semanticidade das construções, parece reconhecer o espelhamento, metafórico, do mundo sobre a Língua⁷, mas de fato não parece alimentar-se claramente da ideia

observe-se a “regência” dos verbos equivalentes ‘anuir’, ‘aquiescer’, ‘acresce(nta)r’ com a “preposição” ‘a(d)’, operadora daquele movimento

⁶ Raiz indo-europeia **se*, que indicia justamente a ideia de *se*-paração

⁷ Veja-se a ideia de “iconicidade”, emblemática do parâmetro “visão” do Programa de Correspondência, presente nas gramáticas filosóficas:

Em lingüística, *iconicidade* é definida [sic] como a correlação natural entre forma e função, entre o código lingüístico (expressão) e seu *designatum* (conteúdo). Os lingüistas funcionais defendem a idéia de que a estrutura da língua reflete, de algum modo, a estrutura da experiência. Como a linguagem é uma faculdade humana, a suposição geral é que a estrutura lingüística revela as propriedades da conceitualização humana do mundo ou as propriedades da mente humana.

As discussões em torno da motivação entre expressão e conteúdo na língua remontam à Antigüidade clássica, com a famosa polêmica que dividiu os filósofos gregos em convencionalistas e naturalistas. Enquanto os primeiros defendiam que tudo na língua

abstratíssima de *estrutura*⁸, quiçá por estar, como todo o peso da tradição, baseado na leitura da forma em profundo comprometimento no que aqui venho delineando como o que se poderia chamar “semântica discursiva”, aquela situada para além da “semântica da forma”. Por outro lado, o perfil “intelectual” dos discursos linguísticos que se pretendem representantes de configurada filiação propriamente linguístico-teórica, centralizados em abordagem marcadamente intrassistêmica, distancia-se da — se não rechaça a — ideia do espelhamento, fundamentando-se na dicotomia entre “a realidade” e “o sistema”, sistema-estrutura. Ao que bem parece, o preço do maduro contorno da ideia de estrutura linguística foi o descolamento conceitual entre o mundo e o sistema que o descreve, então vistos um como realidade ontológica descrita e o outro como abstração descritora epistemologicamente apartada, a assegurar seu terreno. Ora, o que presumo aqui é não a preconização da exigência de distinção clara entre mundo e representação de mundo — porque já não se prescinde dessa distinção —, mas o vislumbre da semanticidade das estruturas: estruturas que se prestam, elas mesmas, à discursivização do mundo e que, *como estruturas*, são plenas de semântica, uma semântica *já aí inscrita*, uma semântica **da estrutura**, uma semântica *da metáfora que representa a mimetização do mundo* empreendida na formulação da Língua, uma semântica da abstração mimética.

FLP20(2)

2 O ESPÍRITO FILOSÓFICO

Exemplo do viés “discursivista” da tradição gramatical, empenhado em certa descrição dos modos como a Língua se presta a “materializar” — linguisticamente — as intenções discursivo-vivenciais do mundo, a *Grammatica Philosophica da Língua Portuguesa, ou Princípios da Grammatica Geral applicados á nossa linguagem*, de Jerônimo Soares Barbosa, publicada em 1822, nominalmente filiada à tradição da gramática racionalista, não se distancia, entretanto, de determinada limitação filosófica segundo o que pretendo aqui. O enfoque naquilo que constitui a própria teleologia da Língua, que é a urdidura discursiva, é, pois, enfoque legítimo, porquanto imprescindível, em função da exigência da formulação de um construto discursivo ancilar à existência, o que torna sofisticado o enfoque — propriamente linguístico — na relação entre aquela exigência e seu atendimento linguístico-formal, ou seja, a satisfação da demanda discursiva em material linguístico, que se dá exatamente pela formalização de ideia em língua. Mesmo, porém, enfocada naquela relação, e não exclusivamente na abstração da discursividade, a apreciação de Soares Barbosa está ainda a um passo do que pretendo aqui: é abordagem finamente descritiva da Língua, sem jamais se pôr a prenciar o que seria, por exemplo, o longínquo Estruturalismo, uma vez que

era convencional, mero resultado do costume e da tradição, os naturalistas afirmavam que as palavras eram, de fato, apropriadas por natureza às coisas que elas significavam. Essas especulações filosóficas têm seus desdobramentos no debate posterior entre anomalistas e analogistas acerca da (ir)regularidade da estrutura linguística. (Cunha, Martelotta e Oliveira, 2003, p. 29-30; grifos dos autores).

⁸ “A noção de sistema deve-se a Saussure. De acordo com Benveniste (1976) [Benveniste E. *Problemas de Linguística Geral*. (Veja-se, aqui, em Referências, Benveniste E, 1991.)], a novidade da doutrina saussuriana reside exatamente na visão de língua como sistema, que prevê uma prioridade do todo em relação aos elementos que o compõem. O termo *sistema* mais tarde foi substituído pelo termo *estrutura*: uma vez aceita a visão de que *a língua constitui um sistema* — um conjunto cujos elementos agrupam-se [sic] num todo organizado —, cumpre analisar-lhe a estrutura. [...]” (Cunha, Martelotta e Oliveira, 2003, p. 17; grifos dos autores).

desconhece a técnica binarista e frequentemente se estende em considerações lucubratórias, mas, nessas considerações, algo parece faltar, algo que há de ser precisamente aquilo que faria enxergar a semântica das construções.

Todo o mesmo se diga quanto aos *Principes Généraux de Grammaire pour toutes les langues, avec leur application particulière à la langue française*, publicados em 1798, por Étienne Bonnot de Condillac, cuja formulação do título encontra eco na de Soares Barbosa (1822), indiciando-se clara representatividade da Gramática Geral.

Em geral se data o aparecimento de considerações gerais (gramática filosófica, gramática especulativa, gramática universal, gramática geral, gramática racional etc.) sobre a estrutura das línguas ou a. com a gramática especulativa medieval (ca. 1300 [...]), ou b. com a gramática geral de Port-Royal (1660). A questão está longe de ser simples₁, porque se propuseram igualmente os seguintes pontos de partida: c. os dois primeiros tratados do *Organon* aristotélicos [...]; d. o aparecimento de tratados gramaticais englobando várias línguas; certos autores se esforçam mesmo em ligar a generalidade à comunidade original de uma família linguística [...]; e. o trabalho das gramáticas latinas para adaptar a gramática grega à língua [...] e e'. a gramatização dos vernáculos, em particular exóticos (Carvalho Buescu, 1983) [Carvalho Buescu, M. L. *O estudo das línguas exóticas no século XVI*. Lisboa: Biblioteca Breve, Ministério da Educação, 1983.]; f. a renovação da gramática latina no século XVI [...]; g. enfim, certos intérpretes, não sem argumentos em consideração a seu papel medieval, chegaram a considerar a *Ars minor* de Donato como fazendo [sic] a função de uma espécie de gramática geral [...] (Auroux, 1992, p. 85-86).

FLP20(2)

Os vários e coerentes modos de nomear as “considerações gerais sobre a estrutura das línguas” (Auroux, 1992, p. 85) denotam a “generalidade” — que “certos autores se esforçam mesmo em ligar [...] à comunidade original de uma família linguística” (idem) — por meio das expressões *Gramática Geral* e *Gramática Universal*, bem como indiciam, mediante as expressões *Gramática Especulativa* e *Gramática Filosófica*, o caráter especulativo-filosófico, associado, pois, àquela generalidade, restando espaço de intersecção para a expressão *Gramática Racional*, que faz pensar não em seu contrário — uma vez que não se haveria de cogitar uma “gramática irracional”, conquanto haja muito de irracionalidade em certas abordagens⁹ —, mas justamente na racionalidade que caracteriza determinada generalidade, na busca de padrões partilhados que, racionalmente, no âmbito teórico, unifiquem objetos análogos¹⁰.

Analogia exemplar se encontra na comparação entre as maneiras como Soares Barbosa (1822) e Condillac (1798) versam sobre o elemento que proponho como

⁹ “[...] systema informe e minucioso de exemplos e regras, fundadas mais sobre analogias apparentes, que sobre a razão [...]” (Soares Barbosa, 1822, p. X).

¹⁰ “[...] se o espirito se adianta a indagar e descobrir nas leis physicas do som e do movimento dos corpos organicos o mechanismo da formação da Linguagem; [recorrente, no texto, de pontuação conforme com a época, o uso de ponto-e-vírgula por vírgula] e nas leis psychologicas as primeiras causas e razões dos procedimentos uniformes, que todas as Linguas seguem na analyse e enunciação do pensamento; então o systema, que daqui resulta, não he ja huma Grammatica puramente practica, mas scientifica e philosophica.” (Soares Barbosa, 1822, p. IX; grifo meu);

“[...] [...] as mais [línguas que não “a Língua propria”, não a língua materna] [...] tem os mesmos *principios geraes*, e *não se differença senão nas fórmas accidentaes que cada huma escolheo para indicar as mesmas ideias e fazer dellas* [das formas acidentais] *as mesmas combinações* [...]” (Soares Barbosa, 1822, p. XIII; grifos meus).

indiciador ou propriamente operador do movimento mimético-espacial-metafórico realizado pela Língua, a assim dita “preposição”, que, para Condillac (apud Auroux, 1992, p. 106), é indicativa de *relações*:

[...] “Não é preciso senão substantivos para nomear todos os objetos de que podemos falar: só é preciso adjetivos para exprimir todas as qualidades; só é preciso *preposições para indicar* as suas *relações* [...]” (grifo meu),

maneira universalizante de definir categorias gramaticais, associando-as totalizantemente a categorias do mundo — “todos os objetos de que podemos falar”, “todas as qualidades” —, espírito segundo o qual o perfazimento da totalidade assegura a possibilidade de atendimento à razão, traço a que nada falta de filosófico quanto a considerações gerais presentes nas obras em questão:

A Grammatica [...], que não he outra couza, segundo temos visto, senão a *Arte, que ensina a pronunciar, escrever, e falar correctamente qualquer Língua* (grifo do autor), tem naturalmente duas partes principaes; huma *Mechanica* (grifo do autor), que considera as palavras como meros vocabulos e sons articulados, ja pronunciados, ja escriptos, e como taes sujeitos ás leis physicas dos corpos sonoros, e do movimento; outra *Logica* (grifo do autor), que considera as palavras, não ja como vocabulos, mas como signaes artificiaes das ideas e suas relações, e como taes sujeitos ás *leis psychologicas, que nossa alma segue no exercicio das suas operações e formação de seus pensamentos: as quaes leis sendo as mesmas em todos os homens de qualquer nação que sejam ou fossem; devem necessariamente communicar ás Línguas, pelas ques [sic] se desenvolvem e exprimem estas operações, os mesmos principios e regras geraes, que as dirigem.* (grifo meu) [...] (Soares Barbosa, 1822, p. VIII-IX),

FLP20(2)

[...] a Grammatica foi sempre reputada como huma parte da Logica pela intima connexão, que as operações do nosso espirito tem com os signaes, que as exprimem (grifo meu). E esta he a razão, porque os antigos Philosophos, e os Stoicos principalmente se fazião cargo della nos seus tractados de Philosophia, como Protagoras, Platão, Aristoteles, Theodectes, Diogenes, Chrysippo, Palemon, e outros, sobre os quaes se póde ver Laercio nas suas vidas¹¹, e Quintiliano Inst. Ora. [Instituições Oratórias] I, 6. (Soares Barbosa, 1822, p. X),

concepção em que ressaltam o pressuposto filosófico-racionalista da universalidade — “[...] as quaes leis sendo as mesmas em todos os homens de qualquer nação que sejam ou fossem [...]” — e o preceito especulativo-gramatical da iconicidade — “leis” que “devem necessariamente communicar ás Línguas, pelas ques [sic] se desenvolvem e exprimem [...] [as] operações [da alma], os mesmos principios e regras geraes, que as dirigem”; “intima connexão, que as operações do nosso espirito tem com os signaes, que as exprimem” —. É na análise de objetos específicos, como a “preposição”, que, entretanto, Soares Barbosa (1822) dá espaço a que se verifique o que, para mim, representa a limitação — filosófica — quanto ao passo que pretendo e, em proveito próprio, reclamo como mote elucidativo da proposição do movimento mimético realizado sobre o espaço físico, a bem da constituição da semântica *das construções* linguísticas, primeva na estrutura, porque aí inscrita.

¹¹ *Vida dos filósofos illustres*, obra biográfica do historiador antigo Diógenes Laércio (parcialmente homônimo do filósofo cínico Diógenes de Sinope, aqui citado), fonte do Estoicismo.

Soares Barbosa (1822, p. 314-315), ao tecer tipologia da preposição, emblema o que talvez seja o espírito racionalista aplicado ao gênero “gramática”, respeitada a estrutura já então convencionalizada para esse gênero em associação com a especulação sobre a natureza dos objetos:

Nossos Grammaticos contão na Lingua Portugueza até quarenta preposições, que pela sua ordem alphabetica são as seguintes, *A, Abaixo, A' cerca, Acima, Afora, Além, Ante, Antes, Apoz, A' quem, Arroda, Aoredor, Até, Atraz, Com, Contra, Conforme, De, Debaixo, Decima, Defronte, Detraz, Dentro, Depois, Diante, Desde, Em, Entre, Excepto, Juncto, Longe, Perto, Para, Per, Perante, Por, Segundo, Sem, Sob, e Sobre*. A palavra *Cerca*, que João de Barros conta como preposição, e *Fóra, Póç, Traç*, de que também usão nossos Escriptores, são as mesmas que *A' cerca, Afora, Apoz, Atraz*.

De todas estas quarenta palavras so dezeseis são preposições sem duvida alguma, a saber: *A, Ante, Apoz, Até, Com, Contra, De, Desde, Em, Entre, Para, Per, Por, Sem, Sob, Sobre*. As mais todas ou são nomes, ou adverbios, e como taes devem ser tiradas da posse injusta, em que as puzerão nossos Grammaticos.

São nomes substantivos servindo de complementos ás preposições que os precedem, quer separadas, quer incorporadas na mesma palavra, as seguintes: *A baixo, De baixo, A cima, De cima, A' cerca, De frente, A' roda, Ao redor*: porque todas estas palavras se achão empregadas pelos nossos Classicos, e no uso actual da Lingua como substantivos sem preposição alguma; e com ella ficão sendo o mesmo que erão sem differença alguma mais do que servirem de complementos á preposição, bem como os mais nomes. Se fossem preposições, mal podião ser complementos d'ellas; porque huma preposição nunca pôde ser complemento d'outra [...],

FLP20(2)

embora se deva explicitar o caráter adverbial das locuções sobre as quais incide a ressalva, tendo-se mesmo de negar-lhes o estatuto de preposição; aqui são conjuntos nucleados em substantivo e adverbializados por meio da translação¹², fenômeno, expresso em linguagem estruturalista, segundo o qual um conjunto de palavras funciona como determinada classe sem que haja no conjunto nenhuma palavra dessa classe, “mágica” processada exatamente pelo desempenho da “preposição”, que assim interpreto: sobre o nome substantivo, representação da “coisa”, atua a preposição, realizando relativamente a ele, em caráter metafórico, o movimento — espacial — quer de separação, quer de aproximação, quer de perambulação, quer de estagnação — que é não-movimento, movimento *ex opposito* —; a circunstancialidade constituída pelo movimento é o que, por sua vez, constitui a adverbialidade, ou seja, trata-se da estagnação expressa por um nome substantivo posta em movimento e, assim, circunstancializada:

‘abaixo’, ‘debaixo’, ‘acima’, ‘decima’ (grafia antiga),
sendo ‘a baixo’, ‘de baixo’, ‘a cima’, ‘de cima’,
são “para o baixo”, “do baixo”, “para a cima” (“para o cimo”), “da cima” (“do cimo”), ou seja,
“para tal lugar (físico ou virtual) [nome substantivo], que é o baixo”,
movimento de *lugar para onde*,
“de tal lugar (físico ou virtual) [nome substantivo], que é o baixo”,
movimento de *lugar de onde*,

¹² Sobre translação, veja-se o capítulo *Translação de primeiro grau*, de Carone (1988).

“para tal lugar (físico ou virtual) [nome substantivo], que é o alto”,
 movimento de *lugar para onde*,
 “de tal lugar (físico ou virtual) [nome substantivo], que é o alto”,
 movimento de *lugar de onde*,

formas-construções (e suas respectivas “explicações”, aqui em aspas duplas) *cuja semântica* proponho que mentalmente se abarque construindo-se a imagem de um frame que represente o baixo ou o cima relativamente ao qual se realiza movimento de *lugar de onde* ou movimento de *lugar para onde*, movimento que, metaforicamente, se desdobra na formalização das estruturas:

1. ‘debaixo de’,

em que o ‘de-’ prefixal sofreu gramaticalização — para mim, jamais em esvaziamento total —, muito provável motivação da união gráfica, fenômeno (gramatical) e convenção (meramente gráfica) que não obliteram a lembrança do movimento de *lugar de onde*, e o ‘de’ prepositivo opera plenamente esse movimento, de modo que a formalização de expressão como

‘nuvens que estão debaixo do céu’,

em que discursivamente se designam nuvens que estão no céu, precisamente na “parte baixa” do céu, na parte do *baixo* do céu, é, metaforicamente, motivada pela mimese de dois movimentos:

- um movimento de *lugar de onde* realizado **por uma parte**¹³ (que pode ser identificada como um ponto, um lugar) **a partir de** o *baixo* do céu [‘o baixo’, nome substantivo], e essa parte, que metaforicamente partiu do baixo do céu (em movimento de *lugar de onde*), representa, como ponto de chegada, o *lugar onde* as nuvens estão, resolução da metáfora de movimento:

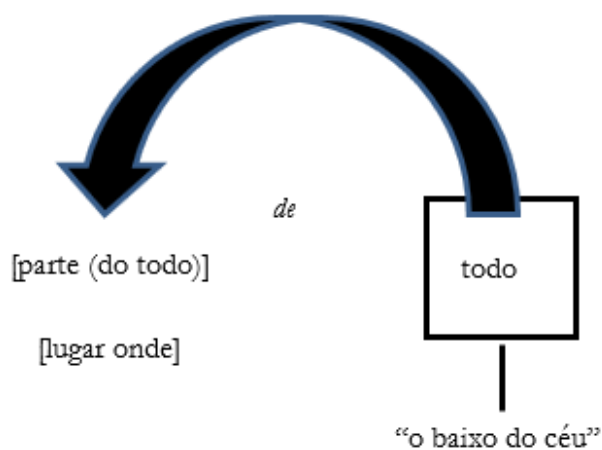


Figura 1.

¹³ Veja-se o movimento *partitivo*, próprio do *lugar de onde*.

- outro movimento de *lugar de onde* realizado *pelo baixo* [‘o baixo’, nome substantivo] **a partir de** o céu :

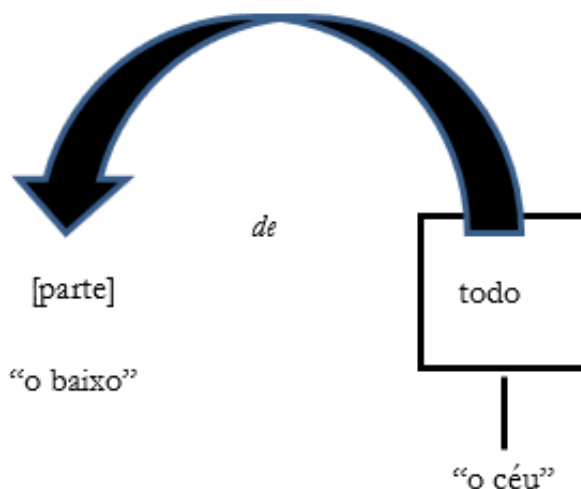


Figura 2.

movimentos imageticamente operados por ‘de’, que conduz **do baixo do céu** “a parte” e **do céu** o baixo, em metáforas segundo as quais uma parte se separa do baixo e o baixo se separa do céu, ou seja, de todo o frame “baixo” se separa uma parte, inominada porque elíptica, resultante no *lugar onde* as nuvens estão, e de todo o frame “céu” se separa, destaca-se, deriva outra parte, identificada como “o baixo”, “o baixo do céu”, interpretação que assim *ex-plivo* arqueologicamente:

FLP20(2)

nuvens
(que)¹⁴
estão em lugar
↓
que *partiu de* “o baixo”
↓
que *partiu de* “o céu”

2. ‘de cima de’,

em que, sem gramaticalização, se realizam também dois movimentos de *lugar de onde*, desdobrando-se na formalização de expressão como

‘saíam de cima da grama’,

injunção na qual se ordena que os interlocutores realizem movimento de *lugar de onde* **a partir de** a cima da grama, o alto da grama, formalizada a expressão ‘cima da grama’ com base na imagem de movimento de *lugar de onde* ora realizado *pela cima* [‘a cima’, nome substantivo, ‘o cimo’, ‘o alto’] **a partir de** a grama, ambos os movimentos de *lugar de onde* operados por ‘de’:

¹⁴ Veja-se Alonso Júnior (2002).

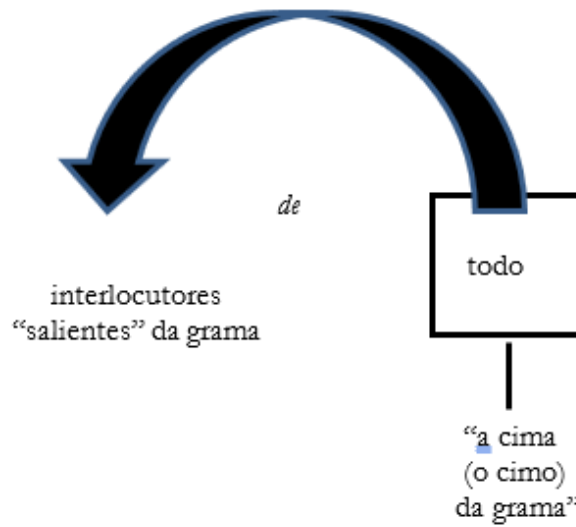


Figura 3.

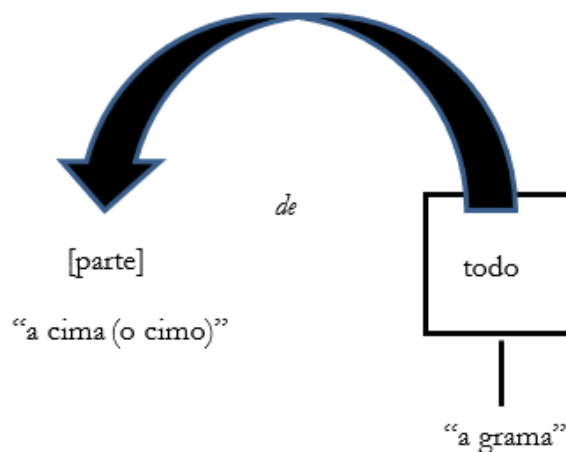


Figura 4.

de “a cima” saiam
 ↓
 que *partiu de* “a grama”

veja-se que a semântica do verbo ‘sair’ já contém a ideia de movimento de *lugar de onde*, o que escusa esforço para que se visualize esse movimento pragmaticamente realizável a partir da cima da grama, mas não há correspondência pragmática ao esforço arqueológico necessário para formar a imagem mental do metafórico movimento de *lugar de onde* realizado *pela cima a partir da grama*, metáfora segundo a qual a *parte* da grama que é correspondente à cima se separa da grama, destaca-se da grama;

3. ‘abaixo de’,

em que, não obstante a ocorrência de gramaticalização, se mantém a imagem do movimento de aproximação ao baixo, movimento de *lugar para onde*, operado pela

FLP20(2)

“preposição” ‘a’ (*ad*), aqui “mudada” para “prefixo”, ‘a-’, resultado da gramaticalização — jamais esvaziamento total —, ao passo que a “preposição” ‘de’ opera movimento de *lugar de onde*, conjunto de que se desdobra, por exemplo, a formalização da expressão

‘abaixo de crítica’,

na qual discursivamente se quer dizer que algo seja tão ruim que é como se estivesse em lugar mais baixo do que o âmbito de alcance de toda e qualquer crítica, em patamar tão baixo — metáfora, socialmente partilhada, para a ideia de má qualidade — que mesmo a crítica mais rebaixada não alcança; a expressão é resultado formal da imagem por meio da qual, em movimento de *lugar para onde*, se fez ir tal objeto *para o baixo* de toda e qualquer crítica, e se determina o baixo como “baixo da crítica”, mediante a imagem segundo a qual se realiza movimento de separação entre “crítica” e “baixo”, movimento de *lugar de onde* realizado *pele baixo*, a partir do frame “crítica”, sendo o baixo como que uma *parte* da crítica, a separar-se dela por operação metafórica empreendida por ‘de’:

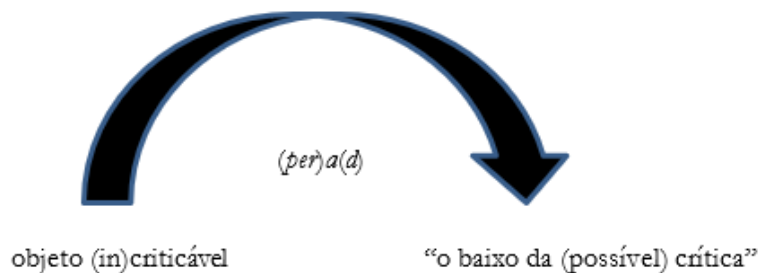


Figura 5.

FLP20(2)

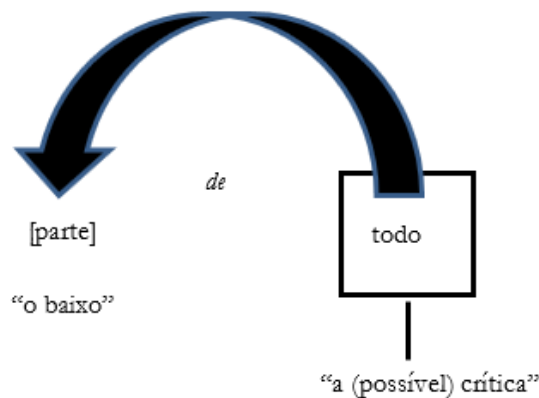
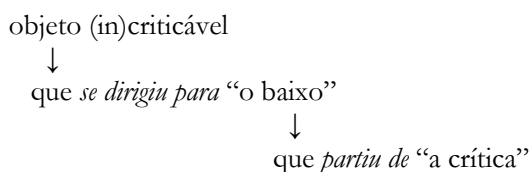


Figura 6.



4. ‘acima de’,

em que também se mantém a imagem do movimento de *lugar para onde*, operado pela “preposição” ‘a’ (*ad*), na mesma “mudança” para “prefixo”, ‘a-’, resultado da mesma gramaticalização, movimento de aproximação à cima, ao cimo, ao alto, enquanto a “preposição” ‘de’ opera movimento de *lugar de onde*, desdobrando-se o conjunto na formalização da expressão

‘acima de toda e qualquer suspeita’,

lexia por meio da qual se pretende dizer que algo esteja situado em ponto superior ao alcance de toda e qualquer suspeita, em ponto alto — metáfora, partilhada, para a ideia de boa qualidade —, inalcançável para toda e qualquer suspeita, imagem em que, metaforicamente, ao frame “suspeita” se associa como que uma parte, correspondente à cima, ao cimo, “o cimo da suspeita”, “o cimo de toda e qualquer suspeita”, *parte* que, por meio do movimento de *lugar de onde*, se destaca da suspeita, que é o todo:

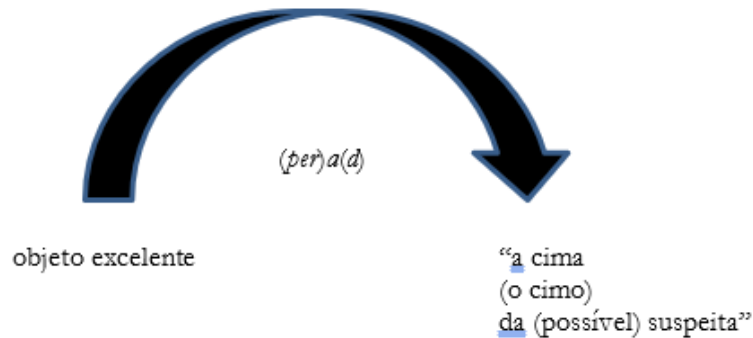


Figura 7.

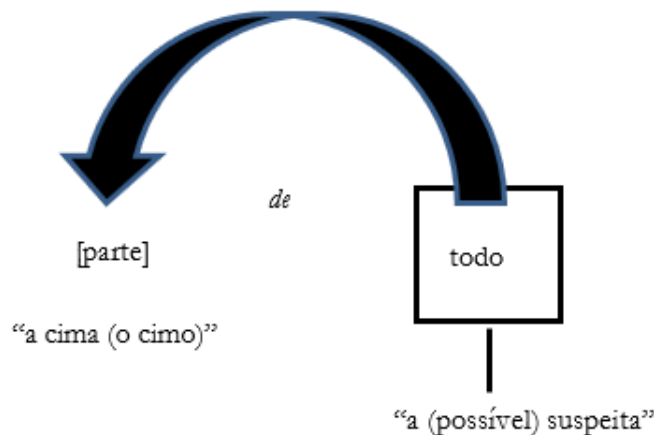
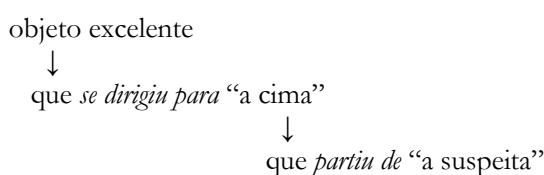


Figura 8.



note-se que proponho como processo de formação da estrutura e da expressão a ideia de que se enviou o objeto excelente *para* o cimo — então ele está no cimo, discursivamente não bem uma parte da suspeita, mas um ponto superior a ela, *acima* dela, *a que se chega indo-se para cima* — e esse cimo é *parte* que *metaforicamente* se destacou da suspeita.

Com espírito descritivo-analítico — uma vez que, de fato, não se trata de descrição realizada com fim em si mesma — e forte pendor interpretativo, inescapavelmente filosófico, Soares Barbosa (1822), ao pretender ter “explicada [...] a natureza da preposição” (p. 313), formula a ressalva de que “a preposição [...] não indica senão huma unica idea” (p. 311), enumerando-lhe consequências icônicas:

[...] e esta [ideia] [é] geral e simplicissima, qual he a relação de complemento, em que hum objecto está para com outro; a qual relação he hum mero aspecto, e huma vista momentanea, com que nosso espirito considera huma idea em respeito a outra. Daqui vem

1.º Que o mecanismo¹⁵ da Linguagem imitando com os vocabulos, quando lhe he possível, a natureza das ideas (grifo meu), não podia deixar de escolher para representar esta relação simplicissima se não palavras curtas e monosyllabas, chamadas *Particulas* (grifo do autor), como escolheu¹⁶ em todas as *Linguas* (grifo meu). Porisso qualquer palavra polysyllaba, que se queira introduzir na Grammatica, como preposição, se faz suspeita pela sua mesma extensão.

2.º Que toda preposição¹⁷ sempre he huma palavra indeclinavel e invariavel, simples e não composta, primitiva e não derivada. Porque a declinação, composição, e derivação dos vocabulos não se faz senão para concentrar em huma palavra com sua idea principal outras accessorias; o que não cabe na preposição, que, como vimos, exprime huma idea so, e esta simplicissima (p. 311).

— em que o empreendimento explicativo é, entretanto, condenado à tautologia que há em justificar que a concentração de ideias acessórias em uma palavra “não cabe na preposição” porque a preposição “exprime huma idea so” e porque é “simplicissima”¹⁸: ora, a concentração de ideias não cabe porque cabe exclusivamente em elemento referencial — expressão que, é bem verdade, seria anacrônico pretender atribuir a Soares Barbosa (1822) —, ao passo que a, assim chamada, preposição é elemento que opera como ligador, porque, segundo o que proponho aqui, aponta para relações espaciais, por via da metáfora do espaço físico —

¹⁵ Grafia fluante no texto, relativamente às grafias ‘*Mechanica*’ e ‘*mechanismo*’: “A Grammatica [...] tem naturalmente duas partes principaes; huma *Mechanica* (grifo do autor), que considera as palavras como meros vocabulos e sons articulados [...]” (Soares Barbosa, 1822, p. VIII); “[...] o espirito se adianta a indagar e descobrir nas leis *physicas* do som e do movimento dos corpos organicos o *mechanismo* da formação da Linguagem [...]” (Soares Barbosa, 1822, p. IX).

¹⁶ Grafia fluante no texto, relativamente à grafia ‘*escolheo*’: “[...] fórmãs *accidentaes* que cada huma [cada língua] escolheo para indicar as mesmas ideas [...]” (Soares Barbosa, 1822, p. XIII).

¹⁷ Veja-se, no item 3º da citação, a formulação “toda a relação tendo necessariamente dous termos” (grifo meu), articulação (‘toda a relação’) comum no Português europeu, todavia semanticamente injustificável, uma vez inespecífica a determinação.

¹⁸ A formulação “o que não cabe na preposição, que, como vimos, exprime huma idea so, e esta [é] simplicissima” faz da adjetiva explicativa e da aditiva coordenada a ela um conjunto inevitavelmente causal.

3.º Que exprimindo a preposição huma relação, e toda a relação¹⁹ tendo necessariamente dous termos pelo menos, ella requer por consequencia duas ideas para combinar, huma *Antecedente*, e outra *Consequente*; e requer outrosi estar no meio dellas segundo a ordem da construcção direita e *analytica*. Digo: *Segundo a ordem da construcção direita e analytica*, porque na invertida muitas vezes succede o contrario, ou por necessidade, quando os complementos das preposições são alguns dos demonstrativos²⁰, ou puros, ou conjunctivos, como: *D'isto se segue*, *D'o que se segue*: ou por elegancia, como: *De Coimbra a Lisboa vão tantas legoas*, quando a ordem seria: *Tantas legoas vão de Coimbra a Lisboa*, ficando as preposições *de* e *a* entre o verbo *vão*, e os seus respectivos complementos.

4.º Que, como a segunda idea sempre he complemento da primeira, segue-se, que esta he sempre incompleta. Ora huma idea póde ser incompleta de dous modos, ou por ser vaga e geral, e por consequencia susceptivel de determinação; ou por ser relativa, e demandar por consequencia hum termo, que complete sua relação. Daqui duas especies de complementos, huns *Determinativos*, e outros *Terminativos*. Quando digo: *O livro de Pedro*; a preposição *de* com o nome *Pedro* he hum complemento determinativo; por que [veja-se a grafia abaixo] determina, e restringe a significação geral e vaga da palavra *livro*. Porém se digo: *O filbo de Pedro*; o mesmo complemento ja he terminativo; porque [veja-se a grafia acima] serve de termo á significação relativa da palavra *Filbo*, que o requer. As palavras de significação relativa tambem o são de huma significação vaga, mas não ás avéssas.

Daqui se segue que a palavra, que serve de termo antecedente á preposição, devendo ter huma significação vaga e indeterminada, e não havendo outras desta natureza senão os nomes appellativos, e os adjectivos explicativos e restrictivos; estes so, e não outros, são os que podem ser antecedentes da preposição: bem entendido, que nesta conta entrão tambem os verbos adjectivos²¹ e os adverbios; porque aquelles levão consigo o adjectivo, e estes o substantivo appellativo. (Soares Barbosa, 1822, p. 311-312; grifos do autor),

FLP20(2)

análise em cujos itens terceiro e quarto se encontra descrição do funcionamento do elemento prepositivo pautada na natureza discursiva dos elementos lexicais do entorno e formulada em termos estritamente filosóficos:

“termo antecedente” = “idea incompleta”: “vaga, geral, indeterminada” [→ “**d**eterminação”]

+

“preposição”

+

“termo consequente” = “idea: complemento **d**eterminativo”;

“termo antecedente” = “idea incompleta”: “vaga, geral, indeterminada + relativa” [→ “**t**ermo (de relação)”]

+

“preposição”

+

“termo consequente” = “idea: complemento **t**erminativo”.

¹⁹ Articulação (‘toda a relação’) comum no Português europeu, todavia semanticamente injustificável, uma vez inespecífica a determinação; veja-se, no item 2º da citação, a formulação “*toda preposição* sempre he huma palavra indeclinavel e invariavel!” (grifo meu), inarticulada, o que reflete flutuação no uso.

²⁰ Em função, pois, do desempenho anafórico dos demonstrativos.

²¹ Oposição ao “verbo substantivo”, qualificação reservada ao verbo ‘ser’.

É com base nesses termos que Soares Barbosa (1822, p. 329) discorre densamente sobre a preposição ‘de’ e análogas:

Para o principio, *d’onde* começa qualquer movimento e acção, temos tres preposições, que são *De*, *Desde*, e *Por*, que tem a mesma força que as Latinas *De*, *A*, *Ab*, *Pro*, e *Propter*.

Mas a primeira e segunda são mais proprias para denotar²² hum principio physico, e a terceira hum principio moral; aquellas hum principio de origem, e esta hum principio como causa.

A preposição *De* ou tem hum antecedente de significação relativa, ou de significação vaga²³. No primeiro caso exprime hum complemento *Terminativo*, indicando o termo de hum principio, d’onde alguma couza ou vem, como: *Venbo de Lisboa*; ou provêm, como: *Nascer d’a terra*; ou começa, como: *De²⁴ hum cabo a outro*; ou he causada, como: *Vencido da dor*, *Morto de fome*.

No segundo caso exprime hum complemento *Restrictivo*, que limita a significação vaga e geral de seu antecedente, ou pelo seu possuidor, e autor, como: *Senhor d’o mundo*, *Pintura de Vasco*; ou pela sua materia, *Vaso de ouro*; ou pelo seu instrumento, *Obras de mão*; ou pelo seu modo, *Falou d’²⁵esta sorte*; ou pelas suas qualidades, *Homem de juízo*, &c. Todas as vezes que se encontrar esta preposição com seu complemento sem antecedente, he sempre huma expressão ou adverbial, ou elliptica, a que se deve entender hum nome appellativo, que lhe sirva de antecedente, como atraz deixamos mostrado (grifos do autor),

FLP20(2)

em que ‘de’ e ‘desde’ (‘des’ [*< de ex*] + ‘de’) se associam a “principio physico” e a “principio de origem”, e ‘por’ se associa a “principio moral” e a “hum principio como causa”, o que equivale a associar “principio de origem” a “principio physico” e “hum principio como causa” a “principio moral”, de um lado interassociar “physico” e “de origem”, do outro lado interassociar “moral” e “[...] como causa”, ou seja, dicotomiza-se o “principio” “*d’onde* começa qualquer movimento (e acção²⁶)” em “principio physico” e “principio moral”, associando-se à ideia concretiva a ideia de origem, denotadas por ‘de(-xde)’, e à ideia abstrativa a de causa, denotadas por ‘por’:

‘de(-xde)’: “principio physico” ↔ “principio de origem”;
‘por’: “principio moral” ↔ “hum principio como causa”.

Ora, a expressão sintomaticamente perifrástica “hum principio como causa”, de certa imprecisão ocasionada pela frouxa união entre os sintagmas — a rigor se teria algo como *um principio posto como causa* —, deixa entrever a possibilidade de que a ideia de causa não se aparte da ideia, *física*, de origem, haja vista a relativa falta de paralelismo entre a enunciação teórica que associa a “hum principio como causa” a preposição ‘por’, preferencialmente às outras, e a exemplificação de “termo de hum principio,

²² Auroux (1992, p. 106) atribui à escola de Port-Royal a oposição entre conotação e denotação — “*palavra conotativa vs palavra denotativa*” (grifos do autor).

²³ Somente vaga; não vaga + relativa.

²⁴ Preposição em itálico no texto transcrito, diferentemente da maioria das outras ocorrências.

²⁵ Preposição em itálico no texto transcrito, diferentemente da maioria das outras ocorrências.

²⁶ “Toda a acção he hum movimento ou real, ou virtual [...]” (Soares Barbosa, 1822, p. 328).

d’onde alguma couza [...] he *causada*” (grifo meu) justamente por meio dos sintagmas “*Vencido da dor*” e “*Morto de fome*” (negritos meus), formalizados com a preposição ‘de’, associada a “princípio físico”. Na indicação do

termo de hum princípio, d’onde alguma couza ou vem, como: *Venbo de Lisboa*; ou provêm, como: *Nascer d’a terra*; ou começa, como: *De hum cabo a outro*; ou he causada, como: *Vencido da dor, Morto de fome*,

nota-se uma escala ascendente do mais propriamente físico para o metaforizado, apoiada nos verbos ‘vir’, ‘provir’, ‘começar’ e ‘ser causado’, metalinguagem por meio da qual se procura traduzir o tipo discursivo da relação expressa por ‘de’, instrumento linguístico que perfaz a escala discursiva sem, entretanto, depor a inspiração primeva de *movimento físico-espacial* de *lugar de onde*, gradativamente metaforizado: Lisboa é o *lugar de onde* se vem não mais do que a terra, o cabo, a dor e a fome, porquanto nascer — da terra — é ‘vir ao mundo’, lexia não casualmente cristalizada, assim como o cabo — “*hum cabo*”, não o “*outro*” — é o lugar primeiro de onde vem a série de cabos, a dor é o lugar de onde vem a sucumbência, e a fome é, de fato, o lugar de onde vem a morte, leitura que identicamente estendo à expressão discursiva de

hum complemento *Restrictivo*, que limita a significação vaga e geral de seu antecedente, ou pelo seu possuidor, e autor, como: *Senhor d’o mundo, Pintura de Vasco*; ou pela sua materia, *Vaso de ouro*; ou pelo seu instrumento, *Obras de mão*; ou pelo seu modo, *Falou d’esta sorte*; ou pelas suas qualidades, *Homem de juízo*,

em que do frame “mundo” se *ex-trai* um elemento, que, entre infinitos outros, pode ser o elemento “senhor”, assim como do frame “Vasco” se *de-riva* um elemento, que pode ser o elemento “pintura”, não menos do que do frame representado por todo o ouro existente se retira, em metafórico movimento de *lugar de onde*, um elemento possível, que é “vaso”, bem como, muito metaforicamente, de todo o frame “mão” se concebe a extração de um item, então visto como “um item daquele frame”, “um item *dèle*”, que é o item “obras”, discursivamente aquilo que se *obra, opera*, com a mão, ‘trabalhos manuais’, não mais do que do frame “sorte”, “maneira”, “modo”, migra um então componente, que é o “falar”, então “falar de tal maneira”, “falar de tal modo”, como que “falar a *partir* de tal maneira”, “falar *de(-xde)* tal modo”, e do frame “juízo”, de ideia tão abstrata quanto a ideia do frame anterior, se destaca o elemento “homem”, um homem advindo daquele frame, daquele quadro contenedor, daquele *lugar*, que é o “juízo”, portanto um homem assim caracterizado, assim qualificado pelo frame de que provém. Sem contradição, o “possuidor” discursivo em “*Senhor d’o mundo*” é elemento que representa parte do frame “mundo”, parte que pertence a esse frame, porque metaforicamente dele advém; o “autor” discursivo em “*Pintura de Vasco*”, o gerador da obra, é metaforicamente o *lugar de onde* ela saiu: perceba-se que o que proponho como *semântica da estrutura* acolhe as especificações discursivas, exatamente porque a necessidade de formalizar essas especificações há de ter buscado a estrutura que lhes conviesse, aquela com *cuja semântica* — a *semântica da estrutura* — se coadunasse a semântica *discursiva* das especificações.

A um passo da forma aqui buscada está a tradição filosófica — verdadeiramente bem representada, por exemplo, por Soares Barbosa (1822) —, *scilicet*, densa nas reflexões sobre Língua, sobretudo porque perscrutadora da natureza dos elementos linguísticos e das relações que se dão entre eles. É certamente caudatária dessa tradição

FLP20(2)

minha pressuposição da existência de iconicidade, preconizada pelo Programa de Correspondência e postulada na chave de que haja relações entre estruturas morfossintáticas e conteúdos ou processos mentais, os quais identifico como *percepções*, mas também é caudatária dessa mesma tradição a indagação aqui esboçada, a busca — como tal — do que lhe falta: uma configuração segura da semântica daquela forma, da forma construída, das próprias construções, inspiradas pela atuação da metáfora, fenômeno de que resulta a estrutura como que anímica, porque semântica, aqui pretendida.

Tal pretensão se assume como esboço da formulação de uma teoria, e isso exige particular diálogo com a tradição filosófica, dado o viés claramente metafísico do que venho procurando formular. Ora, a Gramática Filosófica é nominal representante daquela tradição; é bem-sucedida para a própria teleologia, mas, ao representar a tradição, também representa certa insuficiência que é forçoso demonstrar: o que falta é a percepção da mimese do movimento físico-espacial (mimese, portanto, do próprio espaço físico do mundo) *na e para a confecção metafórica da Língua* — do tecido lexical, das construções morfossintáticas —, o que proponho como larga vereda para a consideração da semântica *da estrutura*, de uma Sintaxe que significa.

REFERÊNCIAS

- Alonso Júnior CL. Reflexões sobre o pronome relativo e a oração “adjetiva” em latim e português [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2002.
- Aulete C. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Delta; 1958.
- Auroux S. A revolução tecnológica da gramatização. Eni Puccinelli Orlandi, tradutora. Campinas: UNICAMP; 1992. Reimpressão: 2001. (Coleção Repertórios.)
- Barbosa JS. Grammatica philosophica da lingua portugueza, ou principios da grammatica geral applicados á nossa linguagem. Lisboa: Typographia da Academia das Sciencias; 1822.
- Benveniste E. Problemas de lingüística geral. Maria da Gloria Novak e Maria Luísa Neri, tradutoras. Campinas: Pontes; 1991.
- Carone FB. Morfossintaxe. 2.^a ed. São Paulo: Ática; 1988.
- Cassirer E. A filosofia das formas simbólicas: a linguagem. São Paulo: Martins Fontes; 2001. (Coleção Tópicos.)
- Condillac EB. Principes généraux de grammaire pour toutes les langues, avec leur application particuliere à la langue française. Paris: A. J. Ducour; 1798.
- Cunha MAF, Martelotta ME, Oliveira MR, organizadores. Lingüística funcional: teoria e prática. Rio de Janeiro: DP&A; 2003.
- Fernandes F. Dicionário de verbos e regimes. 6.^a ed. Rio de Janeiro / Pôrto Alegre / São Paulo: Livraria do Globo; 1947.
- Gaffiot F. Dictionnaire illustré latin-français. Paris: Hachette; 1970.
- Houaiss A. Dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2001.

FLP20(2)

Saraiva FRS. Novissimo diccionario latino-portuguez. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Garnier, Paris: Mellier, Lisboa: Bertrand; s. d.

Swiggers P. Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística: nuevas aportaciones a la historiografía lingüística. Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL. La Laguna (Tenerife), 22-5 oct. 2003. Corrales Zumbado C, Dorta Luis J et al, editores. Madrid: Arco Libros; 2005[2004], p. 113-45.

Torrinha F. Dicionário latino-português. 3.^a ed. Porto: Marânus; 1945.

FLP20(2)